

Ser historiadora no Brasil: algumas notas sobre a carreira acadêmica

Being a woman historian in Brazil: some notes on the academic career

Daiane MACHADO¹

Resumo: A carreira acadêmica é marcada por efeitos de gênero, raça e maternidade? É sobre esse questionamento que se debruça esse breve artigo. Primeiramente, tratarei dos efeitos de gênero, raça e maternidade nas carreiras das mulheres no campo acadêmico de modo geral. Para em seguida, voltar-me às especificidades do campo historiográfico. Por fim, buscarei sugerir temas de investigação.

Palavras-chave: carreira acadêmica; historiadoras; historiografia brasileira; gênero, raça e maternidade.

Abstract: Is the academic career affected by gender, race, and maternity? This is the question that this brief article addresses. First, I will deal with the effects of gender, race and maternity on women's careers in the academic field in general. Then, I will turn to the specificities of the historiographical field. Finally, I will try to suggest topics for research.

Keywords: academic career; women historians; Brazilian historiography; gender, race and maternity.

¹ Professora Credenciada do Programa de Pós-graduação em História da UNESP.

Introdução

O objetivo deste texto é levantar algumas questões sobre os efeitos de gênero, raça e maternidade na carreira de mulheres acadêmicas. De modo muito breve e a partir de pesquisas recentes, levantarei a problemática dos efeitos no campo acadêmico de modo geral. Na sequência, centrar-me-ei no campo historiográfico e buscarei apontar o lugar das mulheres na disciplina. Finalizarei com sucintas sugestões de pesquisa.

Efeitos de gênero, raça e maternidade nas carreiras das mulheres

Começarei com uma questão desconcertante e necessária: A carreira acadêmica é marcada por efeitos de gênero, raça e maternidade?

Imagino que muitos de vocês tenham assistido ao filme **A filha perdida** (2021), da roteirista e diretora Maggie Gyllenhaal, inspirado no romance homônimo da escritora Elena Ferrante. O filme mergulha nas tensões que permeiam a relação carreira acadêmica e maternidade, mas uma cena em específico roubou minha atenção. Em um dos flashbacks de Leda, a personagem principal, ela está com um fone de ouvido na frente do seu computador tentando trabalhar. Em casas com crianças, o fone de ouvido é uma ferramenta de primeira necessidade. Era o dia do marido cuidar das duas filhas. Uma delas, corta o dedo descascando uma laranja. O marido está ao telefone, o assunto é importante e não pode esperar. O trato do casal é desfeito, o artigo de Leda terá que esperar. A carreira do marido é uma urgência, a dela não. Como mãe, a urgência dela é cuidar do corte do dedo da filha. Leda, como tantas outras mulheres, tenta retomar a vida acadêmica após um período de dedicação exclusiva às filhas. Tarefa não tão simples para as mulheres.

A cena que tentei reproduzir é alusiva a um dos obstáculos para esse retorno: a falta de apoio por parte do companheiro. É aceitável que o homem faça expediente extra na faculdade ou tarde no jantar de confraternização do congresso, que se ausente longos períodos para se especializar ou lecionar em uma instituição estrangeira, ou que permaneça meses em exaustivas pesquisas de campo. Quem o culpará por sua falta? Ele faz um sacrifício em nome da carreira e certamente agradecerá a esposa na abertura do livro ou na nota do artigo².

² A menção ou não ao trabalho silencioso das esposas nas publicações dos maridos é um dos temas tratados no artigo **Les femmes et le monde des Annales**, de Natalie Zemon Davis (2017). A autora analisa a invisibilidade do trabalho intelectual das mulheres na primeira geração dos *Annales*. Traçando o perfil das historiadoras esposas dos editores (Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand

O discurso do instinto materno e da “natural” aptidão da mulher para as tarefas do cuidado são antigas invenções do patriarcado, que, de forma violenta, à medida que masculinizavam a ciência, inferiorizavam o intelecto feminino (LERNER, 2019; DASTON, 1992). Invenções antigas, que reatualizadas, reverberam na representatividade feminina no ensino superior e na carreira científica. Basta observar as dissimetrias de gênero nas ciências, nos cargos de liderança institucional e as lacunas de produção e participação de atividades acadêmicas no currículo das mulheres, sejam ou não mães.

A dificuldade para trabalhar em casa, por fatores ligados à condição de classe e raça, ou pela maternidade, pode causar danos enormes à produtividade que, em um meio competitivo como o acadêmico, é vital para que a pesquisadora se mantenha na luta por uma colocação, para beneficiar-se de promoções e obter financiamentos.

Segundo um levantamento do movimento *Parent in Science*, realizado entre 2017 e 2019, a licença-maternidade costuma afetar o currículo de três a quatro anos após o nascimento do filho. O impacto é ainda maior sobre mulheres negras e indígenas. Lembrando que as mulheres indígenas ainda continuam sub-representadas entre os estudantes (MÜLLER, Beatriz C. et. al., 2021; STANISCUASKI, Fernanda et. al., 2021a).

Sabemos, por exemplo, que no período agudo da pandemia de COVID-19 as mulheres se sobrecarregaram. Com escolas e creches fechadas e sem redes de apoio, muitas profissionais precisaram conciliar o cuidado dos filhos, a organização doméstica e o trabalho remoto. Nessa situação, como elas poderiam ter mantido a produtividade acadêmica? Ou, ter cumprido todos os prazos das agências de fomento? Questões que deveriam levantar embaraços aos ruidosos defensores da meritocracia.

Em 2020, o *Parent in Science* fez uma sondagem que escancarou a queda da produção acadêmica das mulheres nos primeiros meses da pandemia. Mais da metade das mulheres com filhos, especialmente as mulheres negras, deixaram de

Braudel), das historiadoras que, como exceções, assinaram artigos e das poucas autoras que foram resenhadas, Davis evidencia como a condição marginalizada das historiadoras estava enredada em configurações de poder que minoravam a contribuição das mulheres intelectuais e solapavam sua ascensão na carreira. O mundo interdisciplinar dos *Annales*, sublinha Davis, era uma “fraternidade masculina” que se servia do trabalho voluntário ou remunerado de mulheres cultas (2017, p. 124). Texto originalmente publicado em 1992.

submeter artigos e tiverem dificuldades para respeitar os prazos de relatórios e prestação de contas (STANISCUASKI, Fernanda et. al., 2021b).

Já que “produtividade e competitividade” formam um par, a longo prazo corremos o risco de perdermos a diversidade no meio acadêmico e científico. Como não existe voz e corpo universal no discurso científico, e a perspectiva transforma o modo de produzir conhecimentos, regrediríamos ao exclusivismo do ponto de vista masculino na academia (HARAWAY, 1995).

Feitos esses comentários bastante gerais sobre os efeitos de gênero, raça e maternidade nas carreiras das mulheres, centrar-me-ei a seguir no campo historiográfico brasileiro, que apresenta algumas particularidades interessantes.

Algumas considerações sobre ser historiadora no Brasil

Apesar da principal casa do saber histórico do século XIX e primeira metade do século XX, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ter deliberadamente fechado suas gloriosas portas às mulheres intelectuais (MELO, no prelo; GOETTEMS, 2018; OLIVEIRA, 2018), e as primeiras graduadas e doutoras terem sofrido violência de gênero quando ousaram progredir na carreira (ERBERELI JR., 2021; LIBLIK, 2019; CAIXETA, 2021; RODRIGUES, 2020), tivemos, e ainda temos, um número importante de mulheres chefes de departamento, líderes de grupos de pesquisa e sociedades científicas. Uma ressalva, o efeito tesoura é evidente, pois podemos contar nos dedos, até hoje, as mulheres reitoras.

Quanto às sociedades científicas, citarei, como exemplo, a Associação Nacional de História (ANPUH), que desde sua fundação, em 1961, contou com duas mulheres em postos chave da diretoria, Cecília Westphalen (1927-2004) e Alice Canabrava (1911-2003), e que desde a eleição de Canabrava (1979-1981), foi inúmeras vezes presidida por mulheres, muitas delas mães.

É verdade que o assunto da maternidade tardou chegar à associação. Chegou primeiro com as anphuzinhas, espaço recreativo destinado às crianças nos simpósios, mas só foi alçado à tema sério e acadêmico recentemente, em 2021, quando a presidente Márcia Mota fechou sua gestão com a conferência “Maternidade, misoginia e trajetória historiadora” (2021).

Foi em abril do mesmo ano, 2021, que a *Humanas: pesquisadoras em rede*³, coletivo de mulheres que atuam na área das Humanidades, comemorou um ano de existência animando debates em torno dos temas: “Maternidade e vida acadêmica e Interseccionalidades”.

Maria da Glória Oliveira (2018), uma das criadoras da rede, tem se dedicado a pensar a História, o campo e seus fundamentos, com a teoria feminista decolonial. Seus artigos chamam atenção para a invisibilidade da produção feminina na história intelectual e os seus efeitos para a construção da memória disciplinar.

Cabe dizer que Oliveira também integra a Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH), instituição que, nos seus 14 anos de existência, é pela segunda vez dirigida por uma mulher, a professora Karina Anhezini, igualmente integrante da rede Humanas.

É importante frisar o protagonismo dessas profissionais tendo em vista que a produção historiográfica voltada às reflexões teóricas e à história da disciplina foi durante muito tempo seara de preponderância masculina (SMITH, 2003).

Nesse sentido, vale destacar o projeto de história pública “Mais Teoria da História na Wiki”, encabeçado pela Flávia Varella, vice-presidente da SBTHH e integrante da rede Humanas. Com a intenção de qualificar e pluralizar o conteúdo da Wikipédia, o projeto busca colaborar com a edição de temas relacionados aos estudos de gênero, de sexualidade, de raça e às epistemologias do Sul Global.

Os responsáveis pelo projeto constantemente promovem oficinas para capacitar e motivar editoras para engajarem-se na redução das desigualdades de gênero existente na produção e disseminação de conteúdos na plataforma. Dominada por homens brancos, a Wikipédia conta com um número irrisório de editoras, cerca de 15%, e de biografadas, aproximadamente 17%. O projeto é uma ação efetiva de reversão dessa situação.

No tocante à memória disciplinar e à atenção voltada à produção intelectual das historiadoras, vivemos uma conjuntura favorável. Embora tardiamente, desde meados de 2017, teses e dissertações propondo compreender a história da historiografia, a teoria da história e suas relações com o gênero começam a aparecer ou conquistam visibilidade.

³ Para conhecer o blog *Humanas: pesquisadoras em rede*, acesse: <https://www.humanasrede.com/>

Herculana Firmina Vieira de Sousa (MELO, no prelo); Alice Canabrava (ERBERELI, Jr., 2021; CAIXETA, 2021), Cecília Westphalen (MACHADO, 2016), Altiva Pilatti Balhana (ALMEIDA, 2017), Olga Pantaleão (RODRIGUES, 2020; COSTA, 2018), Yeda Linhares (LIBLIK, 2019), Eulália Lobo (LIBLIK, 2019), Maria Beatriz Nascimento (PINN, 2021), Lélia Gonzalez (RATTS, RIOS, 2010), Emília Viotti (CLARA, 2022), são algumas das historiadoras já estudadas.

Essas historiadoras foram agentes, produziram reflexões sobre o Brasil, sobre a sua prática historiográfica e didática. Reflexões pouco conhecidas porque muitas não chegaram a publicar sínteses sobre o tema, como fizeram José Honório Rodrigues, Amaral Lapa, Francisco Iglésias, entre outros homens. Certamente muito desse apagamento deve-se ao acesso ao mercado editorial, que, como sabemos, age na legitimação acadêmica. Mas não apenas, relaciona-se também com os marcadores de raça e classe, como fica evidente no caso das historiadoras negras Lélia Gonzalez e Maria Beatriz Nascimento. Essas intelectuais, militantes do Movimento Negro Unificado, construíram interpretações originais sobre o Brasil e seu passado afro-diaspóricos a partir da perspectiva situada de mulher e negra.

Voltando à questão do mercado editorial, apenas recentemente preenchemos uma lacuna relativa aos compêndios sobre história da historiografia brasileira, mais especificamente, relativa à contribuição das historiadoras para o campo. Em 2022, foi publicado o primeiro volume da coletânea "As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da História I". Pioneiras nos estudos históricos brasileiros, organizada por Diogo Roiz, Rebeca Gontijo e Tânia Zimmermann. A obra traz análises biográficas, entrevistas, autobiografias e memoriais acadêmicos de 23 historiadoras.

Vejo essa obra como um arsenal para pluralizar nossas referências e interpretações da historiografia brasileira. Nosso conhecimento sobre as carreiras das historiadoras será ampliado e poderemos melhor mensurar suas carreiras em relação às dos historiadores homens, e, assim, problematizar como os marcadores de raça, classe social e sexualidade operam em suas trajetórias e estruturam a disciplina.

Insistindo no mote da lacuna, no caso dos historiadores canonizados pela historiografia, acredito que devemos vasculhar seus arquivos pessoais para ponderarmos sobre as contribuições das esposas e filhas para suas obras, pois há séculos, lares servem como laboratórios de escrita da história.

O mesmo vale para os casais homossexuais, que, pelo conservadorismo dos valores culturais, pelo convencionalismo de seus cargos, dos projetos intelectuais e seus financiamentos, nunca visibilizaram a relação afetiva (MOTT). Um estudo sobre a carreira de Cecília Westphalen ou de Altiva Balhana terá que matizar os longos anos de companheirismo. O mesmo acontece com Kátia Mattoso, uma pesquisa que busque analisar sua inserção no meio universitário francês precisará abordar o papel de Jacqueline Dreyfus.

Considerações finais

Apesar de fragmentada e, certamente, omissa, a imagem do ofício de historiador que delineamos neste texto não apenas nuança a imagem masculina hegemônica da História, mas também serve para encorajar o presente. A disparidade de gênero em favor dos homens existente nos altos escalões institucionais, no número de profissionais “eméritos” e que nomeiam auditórios, bem como nas bolsas de estudo mais cobiçadas assinala que a busca por representatividade e mecanismos de compensação deve seguir. Espero que esse breve texto possa convidá-los à reflexão e à luta.

Referências Bibliográficas

A FILHA PERDIDA. Direção: Maggie Gyllenhaal. Produção de Endeavor Content, Faliero House Productions, Pie Films, Samuel Marshall Productions. Estados Unidos: Netflix, 2021. 1 DVD.

ALMEIDA, Letícia L. de. **A construção da história demográfica na historiografia paranaense: a historiadora Altiva Pilatti Balhana.** 2017. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Identidades). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

CAIXETA, Laura Jamal. **Haverá forças mais construtivas do que o pensamento e a imaginação?:** um debate sobre identidades em Alice Canabrava. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

CLARA, Livia M. O. **O discurso dos métodos na profissionalização da História no Brasil (1950-1960).** 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

COSTA, Aryana. **De um Curso d'Água a Outro**: memória e disciplinarização do saber histórico na formação dos primeiros professores no curso de História da USP. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DASTON, Lorraine. The Naturalized Female Intellect. **Science in Context**, v. 5, n. 2, p. 209-253, 1992.

DAVIS, Natalie Z. Les femmes et le monde des Annales. **Tracés**, n. 32, p. 173-192, 2017.

ERBERELI Jr., Otávio. **A trajetória intelectual de Alice Piffer Canabrava**: um ofício como sacerdócio (1935-1997). Mariana: SBTHH, 2021.

GOETTEMS, Gabriela C. da S. As Mulheres Conferencistas nas Tardes no Instituto: Gênero e História no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). **Revista Enbornal**, v. 9, p. 58-77, 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

HuMANAS 1 ano. A Mesa 01 - Maternidade e Vida Acadêmica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dfYNYMy8_-l0>. Acesso em: 28 abr. 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIBLIK, Carmem. **Uma história toda sua**: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990). Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

MACHADO, Daiane. **Por uma “ciência história”**: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

MELO, Jeane. Mulheres letradas entre a história intelectual e as práticas historiográficas: breves considerações sobre produção feminina e a escrita da história nos oitocentos brasileiro. In: BARBOSA, Silvana M. (Org). **O lugar da mulher**: gênero, agência e trabalho (séculos XVIII, XIX, XX), Editora da UFJF, Juiz de Fora/MG. No prelo.

MOTT, Luiz. **Velhas Lésbicas Brasileiras**. Disponível em: <https://luizmottblog.wordpress.com/velhas-lesbicas-brasileiras/>. Acesso em: 22 out. 2020.

MOTTA, Márcia M. M. Maternidade, misoginia e trajetória historiadora. In: **31º Simpósio Nacional de História**: História, Verdade e Tecnologia. Gravado e publicado em 19 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=URW2LG83oo4>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MÜLLER, Beatriz C. et. al. Mulheres e Maternidade no Ensino Superior no Brasil. **Parent in Science**, 2021. Disponível em: www.parentinscience.com. Acesso em: 13 mar. 2021.

OLIVEIRA, Maria da G. de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. **História da Historiografia**, v. 11, n. 28, p. 104-140, 2018.

PINN, Maria L. de G. **Tem-se que se tornar visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro**: Maria Beatriz Nascimento e a reescrita da história do Brasil. 2021. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia M. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2010.

RODRIGUES, Lidiane. Eles e elas na gênese da institucionalização do curso de História da USP. In: MORAES, Marieta F. de. (Org.). **Universidade e ensino de história**. Rio de Janeiro, FGV, 2020, p.45-92.

ROIZ, Diogo da S.; GONTIJO, Rebeca; ZIMMERMANN, Tânia R. (Orgs.). **As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da história I**: pioneiras nos estudos históricos brasileiros. v. 1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. EDUSC: São Paulo, 2003.

STANISCUASKI, Fernanda et. al. Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: From Survey to Action. **Front. Psychol**, n.12, 2021b, p. 1-14. Disponível em: www.parentinscience.com. Acesso em: 13 mar. 2021.

STANISCUASKI, Fernanda et. al. Maternidade no CV Lattes: quando será uma realidade? **Parent in Science**, 2021a. Disponível em: www.parentinscience.com. Acesso em: 13 mar. 2021.

WIKIPÉDIA. Projeto Mais Teoria da História na Wiki. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Projeto_Mais_Teoria_da_Hist%C3%B3ria_na_Wiki. Acesso em: 28 abr. 2023.

WIKIPÉDIA. Projeto Mais Teoria da História na Wiki/2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Projeto_Mais_Teoria_da_Hist%C3%B3ria_na_Wiki/2022. Acesso em: 28 abr. 2023.